



**Centro Universitário de Brasília – UniCEUB**  
**Faculdade de Ciências da Educação e Saúde – FACES**  
**Curso de Letras Português/Espanhol**

**As Histórias em Quadrinhos (HQ) de Maitena como Auxílio no  
Ensino e Aprendizagem de Língua Estrangeira Moderna (LEM).**

Isabela Monteiro Penna

Brasília, junho de 2010



**Centro Universitário de Brasília – UniCEUB  
Faculdade de Ciências da Educação e Saúde – FACES  
Curso de Letras Português/Espanhol**

**As Histórias em Quadrinhos (HQ) de Maitena como Auxílio no  
Ensino e Aprendizagem de Língua Estrangeira Moderna (LEM).**

Monografia apresentada como requisito para conclusão do curso de Letras pela Faculdade de Ciências da Educação e Saúde – FACES do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB, tendo como Professora – Orientadora a Ms Mara Lúcia Castilho.

Isabela Monteiro Penna

Brasília, junho de 2010

Aos meus avôs, Monteiro e Natalino

*(in memoriam)*

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, meu Senhor amado, refúgio e fortaleza, que constantemente tem guiado a minha vida.

Aos meus pais, Luciano e Gláucia, que com tanto amor, paciência e dedicação me ajudaram a chegar até aqui e a ser quem sou. Agradeço, ainda, a força e confiança depositadas em mim, quando me concederam a oportunidade e o privilégio de cursar esta universidade.

Ao meu noivo, Saulo, que sempre esteve ao meu lado e, com muito amor, me apoiou incondicionalmente em todos os momentos, mesmo quando achei que não conseguiria, ele nunca deixou de acreditar em mim.

A minha orientadora, Prof<sup>ª</sup>. MS. Mara Lúcia Castilho, que fez com que eu olhasse o mundo e o ensino de outra maneira. Com seu conhecimento e paciência, me ensinou novos caminhos profissionais e nova maneira de ver a vida. Agradeço pelo aprendizado inestimável que se solidificou ao longo dos nossos encontros e que, com certeza, frutificará no futuro.

Aos meus familiares, que mesmo distantes, torciam pelo meu sucesso e se preocupavam comigo.

Aos meus amigos da faculdade, o especial e querido grupo primário (Rickie, Déia, Klaus e Shirloca), que com nossas trocas de companheirismo mútuo, sempre nos ajudávamos e nos apoiávamos para alcançarmos nossos objetivos.

Agradeço a todos que direta ou indiretamente ajudaram no feitiço e conclusão deste trabalho.

A todos, muito obrigada.

“Pois quando a sabedoria entrar no teu coração, e o conhecimento for agradável à tua alma, o bom siso te guardará e a inteligência te conservará.”

Pv 2: 10-11

## RESUMO

O presente trabalho apresenta as Histórias em Quadrinhos (HQ) como um gênero textual que pode auxiliar o ensino de Língua Estrangeira Moderna, no caso, a Língua Espanhola. Para tanto, apresenta-se, em primeiro lugar, onde e quando surgiram as HQ, seus momentos de consolidação e os de crise e o preconceito que este gênero enfrentou ao longo de sua história. Depois, apresentam-se o *corpus* do trabalho, que consiste na abordagem e análise de uma tirinha da escritora portenha Maitena Burundarena e a importância das HQ no ensino, tendo em vista a exigência dos Parâmetros Curriculares Nacionais perante o trabalho com todos os gêneros textuais que circulam na sociedade. Por fim, apresenta-se a abordagem quali-quantitativa utilizada na pesquisa para mostrar que as HQ podem ser utilizadas de maneira eficaz nas aulas de Língua Espanhola. A aplicação prática das HQ em sala de aula foi realizada em turmas do 2º ano do Ensino Médio de um colégio público do Distrito Federal. Exploram-se diversos aspectos e características típicas das HQ e os meios por onde circulam, que podem ser acessíveis aos estudantes. São apresentadas estratégias de leitura como auxiliares no entendimento das HQ e as várias possibilidades do uso deste gênero textual em sala de aula, sem serem vistas como um gênero 'pobre' ou 'marginalizado'. Na aplicação da pesquisa, relata-se, ainda, a reação dos alunos diante das HQ e, em especial, dos estudantes do sexo masculino que tendem a considerá-la peculiar. Trabalha-se com teorias de diversos autores sobre como fazer as HQ serem vistas de maneira séria pelas escolas e pelos alunos.

Palavras-chave: Gênero textual, Histórias em Quadrinhos, Ensino, Língua Espanhola, PCN.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO I	10
1.1 A Trajetória das Histórias em Quadrinhos	10
1.2 A Difusão das Histórias em Quadrinhos	12
1.3 A Consolidação das Histórias em Quadrinhos	13
1.4 A Crise – as Histórias em Quadrinhos entram no Cenário Político	14
1.5 A Alterada Maitena	18
CAPÍTULO II	22
2.1 As Histórias em Quadrinhos como Facilitadora no Ensino de LEM	22
2.2 O Ensino de LEM – Língua Espanhola	30
CAPÍTULO III	33
3.1 Como utilizar as Histórias em Quadrinhos em sala de aula	33
3.2 As Histórias em Quadrinhos no Ensino	35
CAPÍTULO IV	37
4.1 O Desenvolvimento da Pesquisa	37
4.2 A Coleta e a Análise dos Dados	38
4.3 A Percepção dos Alunos sobre o Gênero Textual HQ em sala	45
CONCLUSÃO	48
REFERÊNCIAS	49
APÊNDICE	52
ANEXOS	55

## INTRODUÇÃO

A publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), em 1996, tem possibilitado muitas pesquisas sobre novas abordagens de ensino, principalmente no que se refere, ao trabalho com os gêneros textuais na escola. De acordo com os PCN, as escolas públicas e particulares de todos os Estados e do Distrito Federal devem englobar, aplicar e trabalhar com toda a diversidade existente de gêneros textuais da atualidade. Dionísio, Machado e Bezerra (2005) e Nascimento (2009) publicaram obras de valiosa contribuição para o ensino, que trazem relatos de aplicação de diferentes gêneros textuais por professores da Educação Básica. Para este trabalho, elegeu-se como objeto de estudo o gênero textual história em quadrinhos (HQ), pela sua história e trajetória no mundo, desde os primórdios até a contemporaneidade, justamente por ser um gênero que foi, durante muito tempo, marginalizado pelos docentes e por ter sido alvo de muitos mitos e preconceitos.

Este trabalho tem como objetivo mostrar que as HQ não só podem, como devem compor o material didático dos professores de Língua Espanhola, enquanto Língua Estrangeira Moderna (LEM), por integrar o cotidiano dos estudantes brasileiros.

O primeiro capítulo traz, de maneira resumida, o histórico das HQ no mundo e no ensino, quando e em que lugar surgiram os primeiros sinais desse gênero textual. Ainda aborda a difusão e a consolidação das HQ até o enfrentamento da grande crise atravessada pelos quadrinhos.

No segundo capítulo é abordado o conceito de gênero textual e de que maneira os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) propõem que sejam inseridos no ensino da língua materna ou estrangeira. Mostra-se a visão de grandes autores

acerca desse tema, além de ser explicado de que maneira a estratégia leitora auxilia o entendimento das HQ.

O terceiro capítulo discorre acerca de como usar as HQ em sala de aula. É um dos temas centrais do trabalho, pois mostra ao leitor como inserir as HQ no cotidiano dos alunos, sem torná-las “momento divertido” da aula, e, sim, encarando-as como o gênero textual sério e de grande valia para o ensino.

Por fim, mostra-se o desenvolvimento da pesquisa, com a aplicação prática das HQ em sala de aula em turmas do 2º ano do Ensino Médio de um colégio público da Capital Federal, onde os gêneros textuais praticamente não são abordados. Este capítulo mostra a importância da HQ em sala de aula e a reação dos alunos diante dela.

## Capítulo I

### 1.1 A Trajetória das Histórias em Quadrinhos

Este capítulo tem como objetivo situar o leitor acerca da origem das Histórias em Quadrinhos (HQ), quando e em que lugar surgiram os primeiros movimentos desse gênero textual.

Os estudiosos das HQ divergem quanto à sua origem, pois, para alguns, elas surgiram nos Estados Unidos; para outros, em países da Europa como Inglaterra e França. Há ainda, os que consideram os desenhos – inscrições rupestres – utilizados nas cavernas pré-históricas, para comunicação no início da civilização, como a origem das HQ. Esta última percepção deixa clara a necessidade que o homem tem de narrar os acontecimentos por meio de desenhos sucessivos, desde a Antiguidade (LUYTEN, 1985).

Existiram, durante muito tempo, no processo civilizatório, algumas manifestações que se assemelhavam com os quadrinhos atuais: mosaicos, afrescos, tapeçaria e várias outras técnicas utilizadas para registrar a história por meio de uma sequência de imagens.

No final do século XIX, com a evolução das máquinas que reproduziam os meios de comunicação em massa e com o aperfeiçoamento das técnicas de impressão, no ano de 1894, algumas histórias em imagens começaram a ser utilizadas em livros e em jornais de grande circulação (LUYTEN, 1985).

De acordo com Campos (1990, p.45) a autoria da primeira HQ é controversa:

os livros norte americanos nem têm dúvida: a primeira história em quadrinhos é o Yellow Kid, criada em 1894 por Richard F. Outcault. Mas a Inglaterra apresenta as páginas desenhadas por Gilbert Dalziel em 1884, como prova de que os quadrinhos são uma invenção inglesa. Os alemães podem afirmar que os dois primeiros heróis dos quadrinhos surgiram em 1865 na Alemanha: foi Max e Moritz, de Wilhelm Busch. Mas, por outro lado, os espanhóis podem falar dos quadrinhos de Goya, do início do

século XIX. No Brasil orgulhamo-nos do ítalo-brasileiro Ângelo Agostini, que inventou os quadrinhos em 1884. Mas alguns diversionistas sustentam que Agostini teria sido precedido por Henrique Fleiuss e seu Dr. Semana.

A divulgação em 1894, de Yellow Kid, criado por *Richard F. Outcault* para o jornal *New York World*, fez com que pesquisadores elegessem este evento o marco inicial das HQ. Foi, sem dúvida, um fato importante, mas muito antes já havia relatos de HQ em outros países, provando que os quadrinhos não são uma invenção totalmente americana. Têm-se, ainda, diversos precursores desse gênero textual, como por exemplo: o suíço *Rudolph Töpffer*, o alemão *Wilhelm Bush*, o francês *Georges ("Christophe") Colomb*, e o brasileiro *Angelo Agostini*. Outcault sintetizou o que foi feito antes dele, mas a introdução dos famosos balões nas HQ é de sua autoria. Antes dele, havia legendas embaixo de cada quadrinho para contar a história das tirinhas publicadas nos jornais. Com Outcault, porém, os personagens ganharam vida e voz-ativa e as HQ ficaram mais dinâmicas e seus personagens passavam a ter autonomia e agilidade surpreendentes (McCLOUD, 2005).

Em 1896, dois anos depois da publicação de *Yellow Kid*, o desenhista *Rodolph Dirks* já começava a esboçar a forma definitiva das HQ. Os seus personagens *The Katzenjammer Kids* – Os Sobrinhos do Capitão – são um exemplo de HQ completas.

O texto das HQ começou a ter maior coesão a partir das publicações de Dirks, pois antes dele havia outras histórias em que os personagens não se encaixavam. O formato das HQ fazia com que a história não tivesse coerência, havendo contradição entre o cenário e as falas dos personagens. Com a obra de Dirks, a narrativa dos quadrinhos, ou quadrinizada, consegue se consolidar definitivamente como linguagem.

As HQ eram publicadas semanalmente aos domingos, nos jornais locais de diversas cidades do mundo. Em 1907, porém, ocorreu o *boom* das HQ com o

aparecimento diário da primeira tirinha: *daily strip*. Esse fato foi de suma importância para a vida dos quadrinhos, pois com isso eles conquistaram espaço definitivo nesse meio de comunicação e começaram a fazer parte do cotidiano da população, deixando de ser blocos estanques, veiculados apenas uma vez na semana. Foi uma conquista surpreendente poder ter as HQ publicadas todos os dias e, a partir de então, aos domingos, as HQ passaram a ocupar uma página inteira do jornal (LUYTEN, 1985).

## **1.2 A Difusão das Histórias em Quadrinhos**

Na primeira década do século XIX, o surgimento das tirinhas diárias acontece concomitantemente com a explosão da imprensa norte-americana e os jornais começaram a disputar o público leitor de HQ, e passaram a contratar cada vez mais autores deste gênero para conseguir aumentar as tiragens do jornal e cativar um público que se tornaria fixo (McCLOUD, 2005).

Nessa época, os temas das HQ eram de crianças espertas e travessas, animais humanizados, trapalhões cômicos etc. Mais tarde, surgiu um novo tipo de quadrinho, as tiras seriadas. Trata-se de quadrinhos com a estrutura básica regente, mas com características de novela, pois a tirinha diária tinha um tema central e a cada dia um novo 'capítulo' dessa história era apresentado. Geralmente, o último quadrinho desses capítulos era o que provocava maior suspense, apelando para que o leitor não perdesse o(s) próximo(s) capítulo(s), que estaria na tirinha do jornal do próximo dia (LUYTEN, 1985).

### 1.3 A Consolidação das Histórias em Quadrinhos

Os acontecimentos políticos e sociais que circundavam o início do século XX, em especial a década de 30, são importantes para contextualizar a consolidação das HQ.

Em 1929, com a quebra da Bolsa de Nova Iorque e as privações de lazer da classe operária, os super-heróis das HQ tinham a missão de levar alegria à população. Era a única diversão acessível e barata para a família dos que não faziam parte da burguesia dominante (LUYTEN, 1985).

Nesse período surge a A Era de Ouro – *Golden Age* – regida por três gêneros essenciais: a ficção científica, o passado medieval e as aventuras na selva. Seus personagens principais eram o Flash Gordon, de Alex Raymond; Príncipe Valente, de Hal Foster e Tarzan, de Hal Foster e Burne Hogarth. Esses personagens representavam, respectivamente, os gêneros citados e eram veiculados exclusivamente por meio das HQ (McCLOUD, 2005).

Na Europa, as histórias de *Tintin*, do autor belga Hergé, começavam a ser publicadas em álbuns e não mais em jornais. Depois deste, surgiram outros álbuns e personagens, iniciando-se, assim a *Escola de Bruxelas*, um centro criador de HQ de toda a Europa – de onde saíram outros personagens de sucesso, como, por exemplo, o famoso *Asterix*.

No início da década de 30, na América, um personagem surge de forma excepcional, cativando a todos e fazendo grande sucesso nas revistas de histórias em quadrinhos: o famoso ratinho *Mickey Mouse*, o responsável pelo império *Disney* e pela variedade de personagens que surgiram depois dele – Pato Donald, Margarida, Tio Patinhas, Minnie, Zé Carioca entre outros.

Diante dessa alegria aventureira havia um problema, pois os quadrinhos de *Walt Disney* tinham, na maioria das vezes, o Tio Patinhas como herói que não poupava forças para descobrir qualquer fonte de renda (tipificada pelas ‘minas de ouro’). Os personagens Disney tinham uma única classe de público-alvo: a classe dominante-burguesa, pois seus personagens eram quase todos brancos, ricos e determinavam tipos de comportamentos que manipulavam as massas, ditando padrões de vida e de comportamento.

As ‘inocentes’ HQ de *Walt Disney* não só ditavam como difundiam o modo de vida capitalista americano; segundo a visão dos sociólogos chilenos *Dorfman e Matterlart*, essas HQ influenciaram negativamente durante vários anos as populações infanto-juvenis de todo o mundo. As crianças aprendiam com os quadrinhos *Disney* lições de como obter dinheiro e lucro sem trabalhar para isso, aprendiam também lições de como se aproveitar dos mais fracos e a desprezar sociedades diferentes das que eram retratadas nos quadrinhos (LUYTEN, 1985).

Na América Latina, as HQ se consolidaram a partir do momento em que explode a crise política. Suas publicações serão abordadas no próximo item deste trabalho, que mostrará que Maurício de Souza, no Brasil, e Quino, na Argentina, se utilizam da HQ para alertar a população sobre o momento político e social das décadas de 1950, 1960 e 1970.

#### **1.4 A Crise – as Histórias em Quadrinhos entram no Cenário Político**

Com a 2ª Guerra Mundial, os super-heróis do início da década de 1930 já não supriam o sofrimento e não conseguiam mais alegrar a população, tão sofrida pelos

massacres do decênio 1930-1940, quando Hitler parecia invencível na Europa e a América se preparava para o combate.

Neste cenário de caos e conflito, dois jovens, *Joe Shuster e Jerry Spiegel*, criam um herói diferente de tudo aquilo que já se havia feito nos quadrinhos: uma figura de roupa colante, botas, capa voadora e que, em momentos de perigo, usava superpoderes para salvar as pessoas. O famoso *Super-Homem* entrava em cena em grande estilo. Foi sucesso total de venda, pois mesmo com a tensão da guerra, o *super-homem* conseguia levar as pessoas a uma dimensão surreal da realidade (LUYTEN, 1985).

Nos anos 1940, os super-heróis agiam para o bem cumprir das leis vigentes e as mensagens das HQ tinham o cunho ideológico de 'preservação da paz'. O *Super-Homem* foi o grande fascínio da época e deu origem a dezenas de super-heróis posteriores como *Batman, Capitão Marvel, Homem de Ferro, Hulk, Thor, Mulher Maravilha* e o impagável *Capitão América*. Este último representava o ideal americano de "America for Americans" e se declarava inimigo dos nazistas. Sua roupa, um uniforme listrado e estrelado, simbolizava a própria bandeira americana e seus inimigos eram Hitler e tudo que ameaçasse a 'democracia americana' (CIRNE, 1995).

Os quadrinhos, nessa época, atingem seu apogeu no que se refere ao aspecto gráfico, com a criação de *Will Eisner*, em *The Spirit*, surgiam novos ângulos de desenhos, semelhante à técnica cinematográfica. Percebeu-se que, além dos aspectos gráficos, as HQ eram veículos de disseminação de mensagens, de cunho ideológico, social ou moral e na 2ª Guerra disseminaram mensagens anti-nazistas por meio dos super-heróis que transmitiam o pensamento de quem comandava a guerra.

No final da 2ª Guerra, a situação das HQ não era boa. Faltava papel para sua produção e reprodução. As histórias foram reduzidas e, graficamente, começaram a ficar pobres. Foi um retrocesso. O conteúdo veiculado foi desfavorecido, pois era quase impossível divulgar otimismo com milhões de pessoas mortas em países de todo o mundo. Nessa mesma época, teve início uma campanha contra as HQ, que pregava que elas eram maléficas para as crianças e que eram culpadas pelos desajustes do comportamento juvenil (LUYTEN, 1985).

O clima de perseguição às HQ piorou com a publicação do psiquiatra *Frederic Wertham, A Sedução dos Inocentes*, que disparava em suas páginas que a culpa e responsabilidade de todos os males do mundo eram os quadrinhos. Nas 400 páginas de sua obra, o psiquiatra alemão esmiuçou suas idéias sobre o “verdadeiro intento subversivo” por trás dos quadrinhos. Dentre as hipóteses do tratado, de acordo com Cirne (1995), havia a de que a Mulher Maravilha representava idéias de cunho sexual e a de que a dupla *Batman & Robin* induziriam um comportamento homossexual.

Os ecos da campanha anti-HQ chega ao Brasil no começo dos anos 50 e, como não é novidade, os desenhistas brasileiros importaram os falsos conceitos moralistas norte-americanos. Nessa época, os quadrinhos eram vistos como ‘literatura marginal’ e pais e professores começaram a proibir que as crianças fizessem a leitura desse gênero textual. Ainda hoje existem pessoas que ainda acreditam que as HQ são subprodutos da cultura e que não são benéficas para quem lê.

No início dos anos 60, intelectuais franceses e italianos devolveram o conceito de quadrinhos que já havia sido conquistado com muitos anos de luta. Surgem, na Europa, estudos sobre *Comunicação de Massa* que analisavam o

fenômeno dos quadrinhos como um dos melhores meios de informação e de formação de conceitos (LUYTEN, 1985). Essa análise imparcial foi, mais tarde, absorvida pelos americanos que fizeram uma reavaliação de tudo que havia sido produzido anteriormente acerca dos quadrinhos.

Nos anos 1950, surge *Charles Schulz*, revolucionário dos quadrinhos com histórias aparentemente inocentes de um grupo de crianças: *Peanuts*, *Minduin* ou a *Turma de Charlie Brown* em português. *Charlie Brown*, o personagem principal, é um garoto de 6 anos, que simboliza a insegurança, a ingenuidade, a falta de iniciativa e a esperança. Seu companheiro e amigo, um cachorro de nome *Snoopy*, da raça *beagle*, é um animal filosófico, que pensa e transmite suas idéias a *Charlie*. É uma história em que a turma de crianças fala e questiona o mundo, mais que os adultos. Esta tira marcou o começo da era intelectual dos quadrinhos, com uma maior valorização do texto sobre as imagens (LUYTEN, 1985).

A década de 1950 ficou conhecida e marcada pelos quadrinhos pensantes e intelectuais que revelavam o estado de espírito da época. Anos mais tarde, na Argentina, surge a irreverente *Mafalda*, personagem de *Quino*. A estréia de *Mafalda* é uma manifestação da América Latina contra o mundo bombardeado por guerras e maldades. *Quino*, assim como *Charles Schulz*, utiliza crianças para explicar e contestar o universo. *Quino*, porém, consegue transmitir pensamentos e ideologias por meio de uma menina politizada que dá lições de sociologia e política aos seus pais, que já são adultos (McCLOUD, 2005).

No Brasil, depois de lutar para conseguir a divulgação de suas histórias, surge *Maurício de Souza*, autor e desenhista de HQ que impunha seus personagens de forma singela e que começavam a fazer, no Brasil, mais sucesso que as histórias de *Walt Disney*. O personagem preferido da época 1970-1980 é Chico Bento, o caipira

que representa o povo brasileiro e que sonha com a vida no interior. Logo depois, surgem Cebolinha, Mônica, Magali e Cascão, cada um com características peculiares e marcantes. Maurício conseguiu seu espaço no mundo das HQ e nele permanece até os dias atuais. Além de ter conquistado êxito no Brasil e no mundo, suas HQ e gibis foram divulgados não somente em Português, também como em Inglês e em Espanhol.

### **1.5 A Alterada Maitena**

Com o início do movimento feminista na Europa e nos Estados Unidos, no século XIX, diversas mulheres, pertencentes à classe média, lutavam pelo fim dos diversos preconceitos existentes perante a figura da mulher e tentavam se assumir na sociedade, para obter autonomia e conquistar um lugar na história.

Cansada dos padrões de ‘mulher perfeita’ ditado pela sociedade machista de sua época, Maitena Inés Burundarena decide quebrar o silêncio e a submissão das mulheres perante o gênero masculino dando início às suas tirinhas cômicas e irreverentes sobre a hegemonia masculina que assolava os anos 1980 e 1990. Maitena, escritora portenha, nascida em 1962, começava em Buenos Aires a ironizar e a denunciar as diferenças existentes entre homens e mulheres e a segregação sofrida por estas ao longo de vários anos.

Nascida e criada em uma sociedade machista, Maitena se casou aos 19 anos e aos 34 já tinha dois filhos e estava divorciada. Durante toda sua infância e adolescência, casamento e gravidez, ela possuía um diário que era no mínimo peculiar e irreverente: ao invés de escrever sobre alegrias e tristezas, conquistas e conflitos, a escritora desenhava em forma de quadrinhos os acontecimentos de sua vida, narrando-os para um leitor imaginário.

Sua fama como desenhista começou por acaso, quando trabalhava em um jornal em Buenos Aires e, de última hora, lhe pediram um desenho para estampar uma parte do jornal cuja matéria não sairia mais. Maitena, que adorava desafios, fez um desenho para um anúncio que encantou diversos investidores e comerciantes e, desde então, conforme palavras da própria autora, sua carreira seguiu como um 'trem desgovernado'.

Foi por meio da revista *Para Ti*, periódico consolidado no segmento feminino argentino, que Maitena publicou suas primeiras tirinhas semanais, tentando desafiar e reverter o quadro da situação patriarcal dominante.

Nasceu, com a junção das tirinhas publicadas nessa revista, a famosa série *Mulheres Alteradas*, que denuncia comicamente o cotidiano e as cobranças sofridas pela mulher na sociedade contemporânea. A série possui cinco volumes de 'alterações femininas', que foram publicados entre os anos de 2001 e 2003. A partir destes, Maitena ainda publicou dois livros intitulados *Curvas Perigosas*, nos anos de 2004 e 2005 e, posteriormente, entre os anos 2006 e 2008, a autora lançou nova série de livros, só que desta vez as tirinhas tratavam de temas ainda mais complexos e bem distintos dos que foram tratados em *Mulheres Alteradas*. Surge, em grande estilo, a série *Mulheres Superadas*, composta por três volumes.

Maitena quis mostrar tanto às mulheres quanto aos homens que a pressão imposta pela sociedade à mulher quanto à questão profissional, pessoal e também maternal, de ser ou não uma boa mãe, é imensa e incessante. Ainda nos dias atuais, a autora trata de grandes e pequenas preocupações femininas que perpassam diversas situações como a dificuldade de conciliar vida profissional e vida doméstica, o dilema feminino de sempre tentar se enquadrar nos padrões de beleza (e moda) ditados pela sociedade, a ausência de um relacionamento estável e

duradouro até problemas menores como ciúmes (seja do sexo oposto, seja das amigas) e dilemas interiores entre a tradição repassada pela família e a modernidade. Suas personagens são mulheres ocidentais, modernas, independentes, de classe média alta e das mais variadas idades, que infelizmente ainda vivem dilemas decorrentes do mundo machista e patriarcal.

Maitena evidencia as diferenças comportamentais entre homens e mulheres sem ser agressiva, ao contrário, com muito bom humor e intimidade invejável com a língua, suas denúncias são divertidas, refinadas e inteligentes. Maitena não é considerada feminista, pois seu humor ácido não escolhe o gênero – tanto homens como mulheres são igualmente criticados por ela (REIS, 2006).

Maitena é, sem dúvida, uma porta-voz das mulheres de hoje, e justifica suas *Mulheres Alteradas*, em entrevista dada a Machado (2003, *on line*):

o problema principal é que as mulheres, hoje, temos muitas frentes de combate abertas. Queremos fazer muitas coisas e fazê-las bem, somos perfeccionistas. Como não é possível fazer tudo bem, terminamos alteradas. Além disso, temos a diferença de termos a nossa neurose mais à flor da pele do que os homens. Gritamos, choramos, somos muito expressivas, por isso parecemos mais loucas. Os homens não choram, não gritam, mas enfartam, têm úlcera e alcoolismo.

Esse é o problema de grande parte das mulheres: querer ser perfeita, ‘super-mulheres’ porque, queiram ou não, essa sempre foi a cobrança imposta pela sociedade e repassada de geração a geração, durante séculos.

Maitena satiriza, em suas tirinhas, o cotidiano da mulher; por causa disso, alguns dos seus trabalhos podem promover uma subversão social, já que são passíveis de identificação e de projeção por parte dos leitores, o que pode levá-los a fazerem uma crítica sobre sua realidade (REIS, 2006).

Segundo Machado (2003, p.97), na saga de *Mulheres Alteradas*, Maitena escreve suas tirinhas basicamente centrada em dois grandes temas. O primeiro é a

manutenção de tarefas consideradas essencialmente masculinas, como, por exemplo, dirigir, ter êxito profissional, ter remuneração maior na mesma função, etc. Pode-se dizer que existem contradições entre novas possibilidades de vida para as mulheres, decorrentes da revolução feminina, e as exigências que o gênero masculino continua a fazer-lhes, como se nada houvesse mudado.

O segundo tema é a beleza que não se separa da preocupação com a saúde e está diretamente entrelaçada com a sexualidade. Com o estímulo incessante da mídia, não só os homens, como também grande parte das mulheres, considera a beleza como algo fundamental na vida de um ser humano.

Vale ressaltar que a linguagem utilizada por Maitena em suas HQ é simples, direta, descontraída e coloquial. Esse estilo deve-se ao fato de querer ter maior sintonia e intimidade com o seu leitor. Geralmente, os quadrinhos para o público adulto são confeccionados de maneira burlesca e caricatural, tendo como objetivo a sátira. (McCLOUD, 2005)

Assim é a irreverente Maitena, com humor crítico e aparentemente inofensivo, a autora, a cada tirinha publicada, galga seus passos para que sua obra se torne um poderoso instrumento de crítica social que desvele o cotidiano da modernidade e reflita os valores, as experiências, as fraquezas, as misérias e as grandezas que circulam pela sociedade.

No próximo capítulo será abordada a HQ como recurso textual a ser utilizado em sala de aula, sendo as tiras de Maitena apresentadas como sugestão de texto a ser utilizado nas aulas de Língua Espanhola.

## Capítulo II

### 2.1 As Histórias em Quadrinhos como Facilitadora no Ensino de Língua Estrangeira Moderna (LEM).

Nesse capítulo, será apresentado o conceito de gênero textual e de que forma os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) propõem que ele seja inserido no ensino da língua materna ou estrangeira, visando descrever para os alunos uma diversidade considerável de gêneros no âmbito da didática.

A terminologia 'gênero textual' é uma postura defendida por Bakhtin (1997) e por Bronckart (1999) que seguem a noção de língua como uma atividade social, histórica e cognitiva. Segundo Rodrigues, (2005, p.152) o precursor dos estudos acerca dos gêneros textuais impulsiona, com suas idéias, as discussões teóricas e os desenvolvimentos pedagógicos na área do ensino de línguas a partir de meados da década de 1980. Mesmo que o foco de Bakhtin não tenha sido o ensino/aprendizagem, existe em seus textos o questionamento do ensino de língua estrangeira e materna a partir da visão da língua como sistema.

A visão de gêneros do discurso de acordo com Bakhtin (1992, p. 301) é:

[...] para falar, utilizamo-nos sempre dos gêneros do discurso, em outras palavras, todos os nossos enunciados dispõem de uma forma padrão e relativamente estável de estruturação de um todo. Possuímos um rico repertório dos gêneros do discurso orais (e escritos). Na prática, usamo-los com segurança e destreza, mas podemos ignorar totalmente sua existência teórica.

Na citação de Bakhtin, entretanto, é possível perceber que o estudioso não fala em gêneros textuais e sim em gêneros do discurso. Isso se deve ao fato de ambas as vertentes estarem enraizadas em diferentes releituras da herança bakhtiniana. De acordo com Rojo (2005, p.187), a teoria dos gêneros do discurso centrava-se, sobretudo no estudo das situações de produção dos textos e em seus

aspectos sócio-históricos; já a teoria dos gêneros textuais centra-se na descrição da materialidade textual.

Segundo Marcuschi (2003, p.19), os gêneros textuais contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia-a-dia e são entidades sócio-discursivas em qualquer situação em que haja comunicação. Os gêneros textuais se caracterizam por serem dinâmicos e maleáveis e por terem função primordial no ensino da língua.

Ainda em Marcuschi (2003, p.22), os gêneros textuais se diferem relevantemente dos tipos textuais. O autor parte da idéia que é impossível se comunicar verbalmente a não ser com algum gênero e que a denominação *gênero* privilegia a natureza funcional e interativa da língua e não seu aspecto formal e estrutural.

Para sanar a dúvida existente entre a nomenclatura utilizada - gêneros textuais ou discursivos – e também sobre *tipos textuais*, Marcuschi (apud Rojo, 2005, p.187) apresenta algumas definições importantes para essa discussão:

1. Usamos a expressão *tipo textual* para designar uma espécie de construção teórica definida pela natureza linguística de sua composição {aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas}. Em geral, os tipos textuais abrangem cerca de meia dúzia de categorias conhecidas como: *narração, argumentação, exposição, descrição, injunção*.
2. Usamos a expressão *gênero textual* como uma noção propositalmente vaga para referir os textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sócio-comunicativas definida por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica. Se os tipos textuais são apenas meia dúzia, os *gêneros são inúmeros*. Poderíamos citar como exemplo de gêneros textuais: telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, reportagem jornalística, aula expositiva, reunião de condomínio, notícia jornalística, horóscopo, inquérito policial, edital de concurso, piada e muitos outros
3. Usamos a expressão *domínio discursivo* para designar uma esfera ou instância de produção discursiva ou de atividade humana. Esses *domínios* não são textos nem discursos, mas propiciam o surgimento de discursos bastante específicos. Do ponto de vista dos domínios, falamos em discurso jurídico, discurso jornalístico, discurso religioso etc., já que as atividades jurídica, jornalística ou religiosa não abrangem um gênero em particular, mas dão origem a vários deles.

Essas definições e reflexões de Marcuschi são de extrema importância porque aproximam as noções de *gênero, texto e discurso*. Definir gênero textual como “*noção vaga para referir textos materializados*” implica dissolver a fronteira entre gênero e texto. Essa quebra de barreira permite a abrangência desse conjunto aberto e vasto, de certa forma até ilimitado, de designações concretas determinada pelo estilo, conteúdo, composição e função.

Pode-se dizer, então, que gêneros textuais são entidades empíricas em situações comunicativas que se expressam em designações diversas, constituindo, em princípio, listagens abertas, sendo específicos em cada uma das esferas sociais (MARCUSCHI, 2008). Assim, é possível falar em gêneros textuais que ocorrem no cotidiano, marcados pelas relações familiares; acadêmicos, que se dão na vida estudantil; jornalísticos, produzidos no âmbito da mídia, etc.

Nas escolas, e principalmente na sala de aula, o uso de uma abordagem baseada em gêneros textuais é uma excelente ferramenta no processo ensino-aprendizagem dos alunos. Meürer (1997), por exemplo, discute a qualidade e as implicações do uso de gêneros como instrumento na sala de aula tanto para professor quanto para os alunos, defendendo o conhecimento de gêneros específicos para práticas sociais específicas.

Para compreender como se configuram os gêneros textuais em sua prática escolar, observamos o que tão bem sintetizou Bazerman (1988, p.4):

Vi que não poderia entender o que constituía um texto apropriado em qualquer disciplina sem considerar a atividade social e intelectual da qual o texto faz parte.

De acordo com a concepção de Marcuschi (2008), as HQ são consideradas um gênero textual, uma vez que são encontradas em nossa vida diária e possuem características sócio-comunicativas definidas. Como o gênero textual é um texto

historicamente situado e passível de ser utilizado como recurso didático, o professor deve fazer uso da diversidade de gêneros que circulam na sociedade, inclusive das HQ. Quando muitos pais e professores afirmam que ‘os jovens não lêem’ é porque, na verdade, não consideram as HQ como objeto de leitura. É fato incontestável que jovens leitores e também adultos se deleitam com tramas narrativas montadas por meio do recurso da quadrinização (MENDONÇA, 2003).

Ao contrário da idéia arraigada de muitos professores que afirmam e repassam a seus alunos a idéia de que a HQ é um gênero marginal, sem muito conteúdo e que não exercita a leitura e compreensão dos signos linguísticos seja dos conhecimentos de língua materna ou estrangeira, esse é um paradigma que atualmente vem sendo quebrado pelas HQ, pois com os novos modelos de ensino, que prezam por explorar a maior variedade de gêneros possíveis, as HQ têm conseguido, ainda que lentamente, seu espaço na sala de aula.

As HQ são, predominantemente, do *tipo textual* narrativo. Entretanto, possuem uma heterogeneidade tipológica, assim como todos os outros gêneros, podendo apresentar sequências narrativas de outros *tipos textuais* como o argumentativo e o injuntivo.

As HQ realizam-se no meio escrito, mas buscam reproduzir a fala, por meio dos balões, com a presença constante de interjeições, onomatopéias, reduções vocabulares etc. Por apresentar uma seleção de quadros a serem sequenciados, as HQ demandam um trabalho cognitivo muito maior por parte do leitor, preenchendo, assim, as lacunas existentes de dificuldades com relação ao fluxo narrativo e sua cadência.

Na relação entre as semioses envolvidas, verbal e não verbal, os quadrinhos se revelam um material extremamente rico, pois, na co-construção de sentido que

caracteriza o processo de leitura, texto e desenhos desempenham papel central. Desvendar como funciona tal parceria é uma das atividades linguístico-cognitivas realizadas continuamente pelos leitores de HQ (KOCH, 2009). Por isso, as HQ são acessíveis não só aos adultos, mas principalmente às crianças e adolescentes que estão em processo de letramento, podendo se apoiar nos desenhos das HQ para reproduzir o sentido e a intencionalidade do texto. Esse fator não só conquista a preferência dos leitores, como também incrementa a fluência da leitura. Essa relativa facilidade pode se confundir com baixa qualidade textual, levando à falsa premissa de que 'ler quadrinhos é muito fácil' (MENDONÇA, 2003).

Além da heterogeneidade tipológica, encontramos nas HQ a intertextualidade tipológica, que consiste em utilizar a forma de um gênero para preencher a função de outro. Um exemplo disso é o uso das HQ com propósitos didáticos em campanhas educativas e também a utilização em anúncios publicitários comerciais, que se utilizam das HQ para atingir seus objetivos e público-alvo específico.

Apesar das HQ já terem sido aceitas como objeto de leitura fora das salas de aula, elas ainda não foram, de fato, incorporadas ao elenco de textos com que a escola trabalha (MENDONÇA, 2003).

Para Eisner (1999, p.5), os motivos para esse acontecimento estão relacionados ao uso e a temática das HQ, que usam o entretenimento como meta principal e o humor como ponto chave em suas narrativas.

Segundo Mendonça (2003, p.202), determinadas HQ demandam estratégias de leitura sofisticadas, além de um alto grau de conhecimento prévio, sendo quase que destinadas apenas ao público que já conhece o enredo a ser abordado, a linguagem não-verbal e a cadência e estilo em que se apresentam as HQ.

Esse entendimento abordado nas pesquisas linguísticas e educacionais tem contribuído para que os preconceitos contra esse gênero textual sejam diminuídos gradativamente. Para exemplificar, pode-se afirmar que no universo dos livros didáticos de Língua Portuguesa até a década de 1970, raramente havia uma HQ nas páginas de todo o material. Na década de 1980 houve um avanço e podiam ser encontradas de 3 a 5 HQ em todo o conteúdo dos livros didáticos. Já na década de 1990, praticamente todos os livros didáticos apresentavam esse gênero entre os textos que o compunham. O problema é que ainda assim, as seções do livro destinadas às HQ eram, quase sempre, menos importantes que as seções onde se encontravam todos os demais gêneros textuais, como por exemplo: 'divirta-se', 'só para ler' ou 'texto suplementar básico', não sendo comum a HQ como um gênero predominante e/ou principal das unidades didáticas (MENDONÇA, 2003).

Entende-se que um dos fatores que colaboraram para que esta percepção fosse alterada foi a publicação dos PCN (BRASIL, 1999). Estes incorporam o consenso sobre a necessidade de exposição à diversidade de gêneros de circulação social como um dos princípios básicos do ensino da língua. O documento que direciona os professores de todo o país salienta que a representatividade dos gêneros nas práticas comunicativas diárias é um dos critérios essenciais para a escolha dos materiais de leitura. Apesar das orientações básicas dos PCN e da estima dos leitores pelas HQ's, estas ainda são preteridas fortemente pela escola (CRISTÓVÃO, 2003).

É importante ressaltar que é possível utilizar as HQ em sala de aula sem que esta seja vista como pífea, medíocre e/ou sem conteúdo. Nas atividades de leitura, por exemplo, a exploração dos vários aspectos da produção de sentido é a base da atividade. Segundo Possenti (1998, p. 46)

Qualquer que seja o tópico (...), o que faz com que uma piada seja uma piada não é seu tema, sua conclusão sobre o tema, mas uma certa maneira de apresentar tal tema ou uma tese sobre tal tema.

Ou seja, não é porque a HQ é cômica ou quando apresenta um humor velado que ela deve ser considerada algo fora de contexto na sala de aula. O professor, ao contrário, pode e deve utilizar esse humor para trabalhar o entendimento e a compreensão do aluno quanto à construção dos sentidos do texto.

Além disso, o trabalho com diferentes gêneros textuais, como a HQ, pode possibilitar ao aluno o desenvolvimento de habilidades de estratégias leitoras, inerentes a este gênero. Sobre o processamento textual, KOCH (2009) esclarece que o leitor, ao entrar em contato com determinado texto, recorre a três sistemas de conhecimento: linguístico, enciclopédico e interacional.

O conhecimento linguístico engloba os conhecimentos gramaticais e lexicais, que possibilitam o uso dos referentes coesivos para remissão ou sequenciação do texto e a seleção lexical, ativada pelos modelos cognitivos ou pelo conhecimento do tema (KOCH, 2009).

O conhecimento enciclopédico ou conhecimento de mundo diz respeito aos conhecimentos gerais sobre o mundo, como se fosse uma carga mental de conhecimentos empíricos, pessoais, sociais e de eventos espaço-temporalmente situados, permitindo a construção e produção dos diversos sentidos que o texto pode apresentar (KOCH, 2009).

O conhecimento interacional aborda as maneiras interativas por meio da linguagem. Este conhecimento alude, ainda, outros quatro: ilocucional, comunicacional, metacomunicativo e superestrutural (KOCH, 2009).

O conhecimento ilocucional refere-se aos meios diretos e indiretos utilizados para atingir dado objetivo. No caso do texto, este conhecimento permite reconhecer os propósitos e a intencionalidade do autor/produtor do texto.

Já o conhecimento comunicacional, como o próprio nome já demonstra, alude, segundo Koch (2009, p.50) à:

quantidade de informação necessária, numa situação comunicativa concreta, para que o parceiro seja capaz de reconstruir o objetivo da produção do texto, à seleção da variante linguística adequada a cada situação de interação e à adequação do gênero textual à situação comunicativa.

O conhecimento metacomunicativo refere-se aos meios empregados para prevenir e evitar distúrbios na comunicação, ou seja, garante a compreensão do texto. Para isto, se utiliza de ações linguísticas, configuradas no texto por meio de procedimentos de atenuação, paráfrases, parênteses de esclarecimento, entre outros.

O conhecimento superestrutural, também conhecido como conhecimento sobre gêneros textuais, nada mais é que a identificação de textos como exemplares adequados aos diversos eventos da vida social. Esta subdivisão do conhecimento interacional, segundo Koch (2009, p.54)

envolve também conhecimentos sobre as macrocategorias ou unidades globais que distinguem vários tipos de textos, bem como sobre a ordenação ou sequenciação textual em conexão com os objetivos pretendidos.

Uma forma de trabalhar as HQ, por exemplo, seria apresentar o início da história até o segundo ou terceiro quadrinho e, então, explorar, com os alunos, as possíveis expectativas, o que poderia aparecer nos últimos quadrinhos, fazendo um levantamento de hipóteses. Esse trabalho ativa conhecimentos no leitor sobre o tópico e sobre os personagens, além de ser um exercício mental de sequência lógica. Isto faz com que os conhecimentos empíricos dos alunos sejam levados para

a sala de aula, dando importância à construção dos sentidos e das diversas leituras produzidas pelos alunos.

Em contextos extra-escolares, as HQ já são utilizadas como recurso didático, como um facilitador da aprendizagem. Isso deve, essencialmente, ao papel dos desenhos: concretizar sequências de ações a serem executadas pelo leitor – no caso de instruções –, exercer um forte apelo visual e atingir largas parcelas populacionais com diferentes graus de letramento (MENDONÇA, 2003).

Contudo, ressalta-se que falta à escola a coragem para incorporar as HQ's ao conjunto dos vários objetos de leitura com os quais já trabalha, considerando-as como um gênero tão sério, consistente e de vasta exploração quanto os demais. Além disso, reconhecer e utilizar o recurso da quadrinização como ferramenta pedagógica parece impor-se como necessidade, numa época em que a imagem e a palavra, cada vez mais, associam-se para a produção dos múltiplos sentidos nos mais diversos contextos comunicativos.

## **2.2 Ensino de LEM – Língua Espanhola**

Os PCN estabelecem orientações curriculares nacionais específicas para o ensino de Língua Espanhola no ensino médio, em virtude da Lei nº 11.161 (5/08/2005) que faz com que a Língua Espanhola seja ofertada com obrigatoriedade, em horário regular, nas escolas públicas e privadas do Brasil.

No senso comum e até mesmo na mídia, ouve-se muitas vezes que o Espanhol é um idioma 'fácil' por ser 'muito parecido com o Português'. O Espanhol é uma língua como qualquer outra: não pode ser considerada fácil simplesmente pela falsa semelhança ao Português. É fundamental estabelecer claramente os pontos

que determinam a aproximação e o distanciamento entre as duas línguas (BRASIL, 2008).

Os professores de língua estrangeira – no caso, o Espanhol – não podem trabalhar a língua como algo voltado exclusivamente para a comunicação operatória: identificar e decodificar as informações no novo código. Caso a visão de ensino seja esta, não se alcançará o objetivo anteriormente citado; o professor deverá estabelecer uma comunicação criativa, pela qual poderão surgir informações, significações e elaborações novas (REVUZ, 1998 p. 229).

A língua deve ser adquirida na sua totalidade sem nenhuma espécie de reducionismo do código escrito ou da oralidade. O papel crucial do conhecimento de uma língua estrangeira é levar o estudante a ver-se e constituir-se como sujeito a partir do contato e da exposição ao diferente, ao reconhecimento da diversidade.

Quanto a isto, os Parâmetros Curriculares nacionais são específicos:

(...) a língua estrangeira não é simplesmente matéria escolar a ser aprendida, mas tem função educacional, e um dos seus papéis mais importantes, o de expor os alunos a outra língua a partir de uma óptica menos instrumental, poderá ajudar, entre outras coisas, a interferir positivamente na relação que os estudantes brasileiros guardam com a própria língua, em especial com a escrita. No caso específico da Língua Espanhola, esta pode contribuir significativamente para isso, dada a especial relação que mantém com a Língua Portuguesa (CELADA & RODRIGUES, 2004).

Considera-se, ainda, o auxílio da língua materna na aprendizagem da língua estrangeira, Brasil (2008, p.32):

a promessa de facilidade que a Língua Espanhola traz inicialmente para os aprendizes brasileiros se vê muito rapidamente frustrada, e é muito comum que estudantes passem de uma experiência positiva quanto à rapidez da aprendizagem do Espanhol para uma fase que pode ir da desconfiança e medo à conclusão de impossibilidade, uma impossibilidade que leva a grandes índices de desistência

Ainda existem professores que reduzem o aprendizado da língua espanhola a procedimentos lógicos, aprendem apenas regras gramaticais básicas e sentem a necessidade de traduzir tudo (BRASIL, 2008).

Por outro lado, entende-se que esse processo não é linear, marcado por avanços e retrocessos devido a fatores nem sempre previsíveis, podendo atingir diferentes estágios em qualquer tipo de indivíduo. Relembra-se, então, o papel importante do professor quanto sua atuação diante do estímulo e conscientização dos estudantes, fazendo com que eles reflitam sobre o uso e especificações da língua. O que precisa ser privilegiado no ensino de LE é a amostragem – método comunicativo – e a reflexão sobre a língua e a organização das idéias ao redor do que é possível (ou não) dizer, mostrando que o que realmente importa é a interpretação do que se ouve a capacidade de se comunicar dentro de determinados contextos (BRASIL, 2008).

## Capítulo III

### 3.1 Como utilizar as Histórias em Quadrinhos em sala de aula

Com a validação no Brasil, em 1990, da utilização das HQ no livro didático pelo Ministério da Educação (MEC), as HQ começaram a ser apresentadas com linguagens diversificadas e informativas, coerentes com a série/ano correspondente ao livro adotado. Nesse mesmo momento, as atividades complementares dos livros didáticos traziam exercícios sobre a linguagem diferenciada que era utilizada na HQ, fazendo com que os estudantes tivessem a oportunidade de incorporá-la em suas produções e como nova forma de conhecimento e de produção textual (VERGUEIRO, 2004).

Com o interesse dos autores e por causa da aceitação dos alunos, a partir dessa época, as HQ começaram a ser utilizadas por professores de diversas disciplinas, que não só os de Língua Portuguesa. Os professores buscavam nas HQ não apenas um elemento a mais para deixar as aulas mais agradáveis e interessantes, mas visavam nas HQ um recurso de abordagem e transmissão de discussões de temas específicos, de forma mais atrativa perante os alunos (VERGUEIRO, 2004).

A utilização concomitante de palavras e imagens nas HQ podem fazer com que os estudantes façam a interligação do texto com a imagem, proporcionando ao estudante um novo nível comunicativo, ampliando a compreensão dos conteúdos e também dos elementos cognitivos interpretativos para decodificarem a HQ (VERGUEIRO, 2004).

Devido aos muitos recursos da linguagem dos quadrinhos como os balões, as onomatopéias e os diversos planos e cenários utilizados pelos desenhistas, os alunos possuem acesso às várias possibilidades comunicativas, que os auxiliam em seu relacionamento com o mundo, com a família e com o coletivo (VERGUEIRO, 2004)

Não é novidade falar que a leitura enriquece o vocabulário dos estudantes. Com as HQ não seria diferente, já que elas são escritas em uma linguagem diferenciada, de fácil entendimento e com muitas expressões que fazem parte do dia-a-dia dos leitores. Entretanto, por abordarem diversos assuntos, à medida que a leitura é realizada, na grande maioria das vezes, existem palavras novas, que são introduzidas nas tiras e que os leitores absorvem sem perceber, fazendo com que seu vocabulário se amplie de maneira despercebida e por um modo diferenciado, sem o 'peso' de outros métodos de ensino. Essa característica das HQ atende à necessidade dos estudantes de utilizar um repertório próprio de expressões comuns ao grupo que estão inseridos (VERGUEIRO, 2004)

Por serem veiculadas no mundo inteiro, as HQ possuem um caráter globalizador e geralmente trazem temáticas que podem ser compreendidas pela grande maioria dos estudantes, desde que sejam previamente selecionadas pelo professor onde o tema seja comum ou que englobe o cotidiano dos alunos. Variados temas podem ser abordados pelas HQ, tais como, conhecimentos culturais, étnicos, linguísticos ou sociais. As HQ possibilitam, com seu uso, a integração entre as diferentes áreas do conhecimento, possibilitando na escola o trabalho interdisciplinar e com diferentes habilidades interpretativas, visuais e verbais (VERGUEIRO, 2004).

Outros argumentos poderiam ser citados, mas ainda ressaltam-se duas características bastante pragmáticas do aproveitamento dos quadrinhos na escola;

são eles: a acessibilidade e o baixo custo. Exclui-se, entretanto, exemplares raros ou os pertencentes a colecionadores, fora estes, os quadrinhos podem ser facilmente adquiridos em bancas de jornais, sebos, emprestados de terceiros ou ainda podem ser retiradas de jornais ou revistas velhos.

### **3.2 As Histórias em Quadrinhos no Ensino**

Os quadrinhos podem ser utilizados em sala de aula de maneira introdutiva ou conclusiva de determinado conteúdo, eles podem ser úteis para introduzir um tema que será desenvolvido por outros meios, para aprofundar conteúdos e conceitos já apresentados, para gerar reflexão e discussão a respeito de determinado assunto ou para auxiliar de forma lúdica um assunto árido ou de difícil entendimento (VERGUEIRO,2004).

É importante ressaltar que as HQ e sua aplicação, devem adequar-se ao cronograma de aulas e, quando utilizadas, é necessário que se enquadrem e sejam utilizadas como sequência normal das atividades de aula, sem que sejam realçadas como um texto fácil, de linguagem simples e como um 'descanso' das aulas. Caso isso não seja observado, os resultados serão justamente o contrário do que se pretende: se o professor encara as HQ como um descanso ou paralisa a aula para a introdução da leitura dos quadrinhos, os alunos podem acreditar que esse recurso não é 'sério' como os outros ao que estão expostos. Se o professor por descuido ou por qualquer outro motivo passa essa imagem aos estudantes, os múltiplos benefícios proporcionados pela HQ serão drasticamente limitados (RAMOS, 2004).

Em contrapartida, também não é permitida a valorização excessiva das HQ pelos professores, principalmente no momento em que estão sendo utilizadas – para

que os alunos não pensem que a melhor maneira de aprendizado é *somente* por este meio. De acordo com Vergueiro (2004, p.27):

os quadrinhos não podem ser vistos pela escola como uma espécie de panacéia que atenda a todo e qualquer objetivo educacional, como se somente eles possuíssem a tarefa de transformar a vida dos estudantes. Pelo contrário, deve-se buscar a integração dos quadrinhos a outras produções das indústrias editorial, televisiva, radiofônica, cinematográfica, etc., tratando todos como formas complementares e não como inimigas ou adversárias na atenção dos estudantes.

Outra faceta importante do trabalho com HQ diz respeito à seleção do material a ser utilizado em aula, as publicações desse gênero são inúmeras e existe uma gama imensa de opções de escolha no mercado. O professor deve, então, fazer uma seleção das tirinhas a serem utilizadas em sala, levando em consideração os objetivos educacionais que deseja obter (RAMOS, 2004).

Para se obter sucesso com os quadrinhos no ensino, segundo Vergueiro (2004, p.35) é necessário:

que o professor tenha suficiente familiaridade com o meio, conhecendo os principais elementos da sua linguagem e os recursos que ela dispõe para representação do imaginário; domine o processo de evolução histórica dos quadrinhos, seus principais representantes e características como meio de comunicação de massa; esteja a par das especificidades do processo de produção e distribuição de quadrinhos; e, enfim, conheça os diversos produtos e formatos em que eles estão disponíveis.

Portanto, ao dominar verdadeira e adequadamente todos esses elementos, qualquer professor, de qualquer faixa etária e com qualquer experiência em sala de aula, estará apto a incorporar os quadrinhos de forma positiva em suas aulas, dinamizando-as tanto didaticamente quanto de forma lexical, semântica, morfológica e gramatical motivando, com isso, seus alunos a grandes progressos positivos, com melhores resultados, no processo de ensino e aprendizagem.

## Capítulo IV

### 4.1 O Desenvolvimento da Pesquisa

Para verificar de que maneira o gênero textual HQ pode ser instrumento de efetiva utilização na sala de aula, buscou-se a aplicação da abordagem qualiquantitativa de pesquisa para nortear esse trabalho.

Para realizar uma pesquisa é necessário confrontar os dados coletados e gerar informações sobre determinado assunto, a fim de conhecer a realidade do objeto estudado. Trata-se de ocasião privilegiada que reúne o pensamento e a ação de uma pessoa ou de um grupo, no esforço de elaborar o conhecimento de aspectos da realidade que servirão como soluções propostas aos problemas estabelecidos (LÜDKE, 1986).

Os instrumentos de coleta de dados utilizados no presente trabalho foram as observações realizadas em aulas de Língua Espanhola de três turmas dos 1º e 2º anos do Ensino Médio, totalizando seis grupos heterogêneos de alunos de classe média e classe média alta de uma escola pública do Distrito federal. Essas observações foram feitas de acordo com a necessidade exigida pela disciplina de Estágio Curricular Supervisionado II, realizada na universidade. Além das observações, houve a aplicação de um plano de aula, como pré-requisito das atividades de estágio em turmas do ensino médio.

Planejar a observação significa determinar com antecedência “o quê” e “como” observar. Segundo Lüdke (1986, p. 25):

para que se torne um instrumento válido e fidedigno de investigação científica, a observação precisa ser antes de tudo controlada e sistemática. Isso implica a existência de um planejamento cuidadoso do trabalho e uma preparação rigorosa do observador.

A primeira tarefa para o preparo das observações foi a delimitação do objeto de estudo, no caso, as HQ. Por meio dela, ficou evidente quais aspectos do problema seriam cobertos pela observação, como por exemplo, a falta de HQ nas salas de aula de Língua Espanhola. Para Lüdke (1986, p.30):

a observação usada como principal método de investigação ou associada a outras técnicas de coleta, possibilita um contato pessoal e estreito do pesquisador com o fenômeno pesquisado, o que apresenta uma série de vantagens.

## **4.2 A Coleta e a Análise dos Dados**

O motivo de escolha da escola pública citada anteriormente deve-se ao fato de que esta instituição aborda minimamente o trabalho com os gêneros textuais e, quando há o trabalho com os gêneros, não é esta a nomenclatura utilizada. As observações participativas foram realizadas nos meses de março, abril, maio e junho de 2010.

A HQ selecionada para foi “ser flaca”, da autora Maitena, cujo título em português quer dizer “ser magra”.

O Estágio Curricular Supervisionado possibilitou vastas horas de observação, o que foi de suma importância para a verificação do trabalho em sala de aula com os gêneros textuais, e se as orientações contidas nos PCN são praticadas.

O plano de aula foi aplicada em duas turmas do 2º ano do Ensino Médio, com (19) dezenove alunos cada. A HQ foi trabalhada de maneira a explorar os ‘sistemas de conhecimentos’ e o ‘processamento textual’ de cada aluno, que de acordo com Koch (2009, p.39):

na atividade de leitura e produção de sentido, colocamos em ação várias estratégias sociocognitivas. Essas estratégias por meio das quais se realiza o processamento textual mobilizam vários tipos de conhecimento que temos armazenados na memória.

Na aula, tentou-se trabalhar essas áreas do saber, porém, sem a nomenclatura de todas as áreas do conhecimento. Para os alunos, foi utilizada (e

citada) apenas a nomenclatura básica, abrangendo os termos ‘conhecimento linguístico, enciclopédico e interacional’.

Para a análise da HQ em sala de aula, juntamente com os alunos, ainda utilizaram-se as técnicas de leitura e produção de sentido e ativação do conhecimento. Em cada quadrinho foi trabalhada a intencionalidade da autora e o que estava explícito no texto – palavras, sinais de pontuação – e o que estava implícito pela análise das imagens, linguagem não-verbal, intensamente explorada nas HQ.

Ressalta-se, entretanto, que a HQ foi entregue aos alunos sem a resposta original no balão, que estava em branco para que eles, depois de toda a discussão e análise quadro a quadro, pudessem entender o que a autora havia escrito no balão e se eles concordavam com a resposta dada pela autora às perguntas.

- No primeiro quadrinho tem-se a pergunta, traduzida aqui para o português: existe alguma coisa melhor do que ser linda...?

Pela imagem, foi incitada a discussão entre os alunos do que significaria “ser linda” e foram analisados os aspectos verbais e não verbais. Nos aspectos verbais, levantou-se a questão do vocabulário, entendido pelos alunos e a questão das reticências finais, antes do ponto de interrogação. Muitos alunos, assim que viram as reticências afirmaram que a autora ‘não pararia por aí’, ou seja, mais perguntas desse formato seriam feitas.

Depois disto, analisou-se o desenho e foi perguntado aos alunos o que os elementos do quadrinho poderiam indicar acerca de ser linda. As respostas foram exatamente como o esperado, sem que a professora induzisse o pensamento: os alunos afirmaram que, segundo o desenho, para ser linda é necessário ter uma dieta saudável, com frutas, iogurte, etc. Um dos alunos, instantaneamente, ao ser

perguntado o que seria o potinho verde (iogurte) respondeu prontamente a marca de um iogurte famoso, certamente por conhecimento de mundo ou, até mesmo, por ser consumidor de determinado produto ou conhecer alguém próximo que o consome.

- No segundo quadrinho tem-se a seguinte pergunta: existe alguma coisa melhor do que ser jovem...?

A análise desse quadrinho começou com duas perguntas acerca do que a personagem da tirinha estava fazendo e em que lugar essa atividade é praticada. Essas perguntas foram feitas com o intuito de retomar e de revisar as palavras que designariam essa atividade, aprendida uma semana antes da aplicação da HQ, na lição do livro didático adotado, que abordava o tema 'esportes'. Prontamente, eles responderam, em língua estrangeira, o que foi solicitado.

Entretanto, foi esclarecida com os estudantes a questão dos termos que eles usaram, um termo que consta como 'falso amigo' na Língua Espanhola. Eles responderam 'gimnásia' (ginástica), o que está correto quanto à atividade. Quando foi a vez de responder onde é praticado, eles responderam 'academia', o que está incorreto na LE. Academia (com a sílaba tônica no 'de') é onde estão os intelectuais e onde se realizam diversos estudos. O correto seria 'gimnásio' e isso foi corrigido professora. Passada essa retomada, os alunos retornaram a análise, dizendo que a personagem 'tinha que ser loira', porque as loiras sempre são 'patricinhas' e se cuidam mais. Isto foi um gancho para trabalhar a questão do preconceito, com levantamento de hipóteses do tipo: só as meninas loiras se cuidam? E as morenas? E as japonesas? E as ruivas?

Logo depois, os alunos falaram que a personagem estava malhando com muito peso, que certamente estava mais pesado do que ela estava acostumada, justamente para alcançar, mais rapidamente, o objetivo pretendido.

- No terceiro quadrinho tem-se a seguinte pergunta: existe alguma coisa melhor do que ser elegante...?

Logo no início da análise deste quadrinho, foi retomado o vocabulário de roupas, aprendido pelos alunos a, aproximadamente, um mês antes da aplicação da HQ. Muitos já não se lembravam e a análise só continuou quando, entre eles, houve a discussão de quem se lembrava do vocabulário.

Depois disto, foi indagado o que seria ser elegante nos dias atuais e se seria certo julgar uma pessoa elegante ou não *apenas* pela roupa utilizada. A maioria das meninas respondeu que era estar sempre na moda, que isso era sinônimo *líquido e certo* de elegância. Três meninas responderam que elegância é ser bem educada e não ser julgada pela aparência e todos os meninos, aproximadamente nove, responderam que ser elegante é ter classe e exaltaram, de maneira a surpreender a professora, a piteira que a personagem usa para, certamente fumar um cigarro.

- No quarto quadrinho tem-se a pergunta: existe alguma coisa mais linda do que ter êxito...?

Quando foi iniciada a análise desse quadrinho, os alunos não concordaram muito com a relação entre a imagem e o que estava sendo dito: à primeira vista, os alunos afirmaram que a mulher representada no quadrinho não tinha aspecto de quem possui êxito profissional, por não demonstrar felicidade.

A análise foi direcionada para o tipo de êxito que estava sendo representado no quadrinho. Todos, imediatamente, disseram “profissional”, por parecer que a personagem está sentada em alguma mesa de escritório, com muitas pessoas solicitando-a via telefone. Por meio da resposta dos alunos, de que a mulher não aparentava ser “exitosa” por não estar feliz, levantei a discussão acerca do tema, como por exemplo: “dinheiro traz felicidade?”, “o êxito profissional é sempre

reconhecido?”, “todos os profissionais possuem êxito?”. As respostas foram as mais variadas possíveis, mas a que foi unânime é que dinheiro realmente não traz felicidade, mas ajuda a comprar as coisas que proporciona felicidade.

Com isso, perguntei, então, se dinheiro comprava saúde, muitos falaram não, mas que com o dinheiro é possível proporcioná-la aos entes queridos e até mesmo estendê-la, caso algum familiar tenha alguma enfermidade grave, o dinheiro pagaria o tratamento e prolongaria a vida.

- O quinto quadrinho faz a seguinte pergunta: existe algo mais lindo que ser famosa...?

Esse quadrinho causou furor entre todos os alunos, meninos e meninas. Todos o entenderam sem nenhuma dúvida ou dificuldade acerca do vocabulário. Muitos disseram que ser famoso seria “o máximo”, que conquistariam muitas pessoas e desfrutariam de uma vida boa. Esta resposta é típica da idade em que se encontram e foi perguntado que conceito de “vida boa” eles tinham.

As respostas foram as seguintes: não estudar e ter dinheiro para se fazer tudo o que quiser; conquistar pessoas e ser querido por elas; ser reconhecido pelo talento; ter muitas roupas e sapatos; ser convidado(a) para muitos programas de televisão, etc. Por causa destas respostas, foi perguntado se a fama só trazia coisas boas, se não trazia com ela nada de ruim. Um silêncio tomou conta da turma por uns dez segundos. Depois, um aluno disse: a pior coisa da fama é não ter privacidade para nada, é a falta de liberdade para fazer coisas “normais”.

Então, foi explorado um dos acessórios que a personagem estava usando, que são os óculos escuros, que servem como um dos itens de disfarce, para tentar conseguir o mínimo de privacidade.

- No sexto quadrinho tem-se a seguinte pergunta: existe algo mais lindo que ser milionária...?

Assim como no anterior, este quadrinho também causou agitação nos alunos. Primeiro porque muitos acharam que não era uma mulher que estava deitada na rede, e sim, um homem. Nesse momento a turma ficou muito agitada, fazendo piadas preconceituosas acerca dos homossexuais etc.

Retomei a atenção dos alunos afirmando que era uma mulher, pelo fato de só ter mulher nos quadrinhos anteriores e porque a pergunta feita estava no gênero feminino, e não no masculino. Alguns perguntaram como era a palavra rede em Espanhol e foi escrito o vocábulo “hamaca” no quadro para eles anotarem na tirinha.

Quanto à análise do quadrinho, foi perguntado se ser milionária(o) era sinônimo de ficar sem fazer nada, como a personagem se encontra no quadrinho. Muitos disseram que, para conseguir ser milionário, é preciso trabalhar muito. Outros seis alunos disseram que é fácil, basta receber uma herança ou roubar, como os políticos fazem.

Foi discutida a questão de ser milionário roubando ou desviando dinheiro público, mas não foi possível entrar em um consenso com os alunos, pois entrou-se em uma discussão política infundável e cada aluno achava uma coisa diferente.

- No sétimo quadrinho é apresentada a pergunta: existe algo mais importante do que encontrar o homem da sua vida?

Os meninos ficaram perplexos com o quadrinho e as meninas adoraram. Eles afirmaram, de prontidão, que a autora era muito feminista e que esse quadrinho não tinha ‘nada a ver’ com os homens e, automaticamente, com eles. Com esta afirmação foi abordado o que era feminismo – porque se a autora fosse feminista,

como eles tanto afirmavam, ela não falaria tanto em suas tirinhas de casamento e de encontrar o homem dos sonhos. “Pensando assim, é verdade”, foi a resposta deles.

Quando perguntados se existia algo mais importante na vida do que encontrar a mulher de suas vidas, a resposta foi unânime: “claro né, professora!”. Diante disto, foi perguntado o que era mais importante e as respostas foram bem variadas: viajar, aproveitar a vida, ganhar dinheiro, etc.

A maioria das meninas concordou com a tirinha, mas não todas. A maioria concordou que o mais importante na vida era encontrar o homem de suas vidas, e uma delas disse que, além de encontrar o homem perfeito, a coisa mais importante era ser mãe. Todos concordaram, entretanto, que, apesar de ter encontrado o homem de sua vida, a personagem não parecia nem um pouco feliz ou satisfeita. O que foi respondido ao ser apresentado o oitavo quadrinho.

- O oitavo quadrinho aborda a pergunta: existe algo mais importante do que ser feliz...?

Foi um dos quadrinhos mais interessantes para a análise, pois todos responderam que não, que ser feliz era o objetivo de vida de todos. Depois, foi perguntado o que eles entendem por ser feliz. As respostas foram variadas: ter família, ter amigos, ter um lar, ter saúde, ter namorado(a), etc.

Dois meninos, muito seriamente, responderam que ser feliz era poder contribuir para um mundo melhor. Um deles citou rapidamente as oito metas do milênio, propostas pela Organização das Nações Unidas (ONU), que são: acabar com a fome e com a miséria, educação básica e de qualidade para todos, igualdade entre sexos e valorização da mulher, reduzir a mortalidade infantil, melhorar a saúde das gestantes, combater a AIDS, a malária e outras doenças, qualidade de vida e respeito ao meio ambiente, todo mundo trabalhando pelo desenvolvimento.

Os outros alunos ficaram intrigados e perguntaram como ele sabia de tudo aquilo e que ele era 'doido' por ter decorado todas elas. Ele respondeu que sabia, pois seu pai era médico e sua mãe era bióloga e historiadora e trabalhava há anos em uma OnG de preservação ambiental e que, na casa dele essas metas ficam na porta da geladeira.

Antes de chegar ao nono e último quadrinho, foi solicitado para que os alunos pensassem em uma resposta para cada pergunta dos quadrinhos anteriores, e que completassem, com ela, os balões, que estavam em branco. Foi dito para que prestassem atenção em todas as análises que foram feitas e que observassem novamente as perguntas e a linguagem dos desenhos que estavam sendo apresentados.

Em especial, foi falado para que observassem atentamente a pergunta do último quadrinho. Na primeira turma a resposta foi descoberta por uma menina e na segunda, por um menino. Quando descobriram a resposta da autora, a atitude foi de revolta geral, tanto dos meninos quanto das meninas. As meninas acharam-na muito neurótica e a maioria dos meninos classificou-a como fútil e louca.

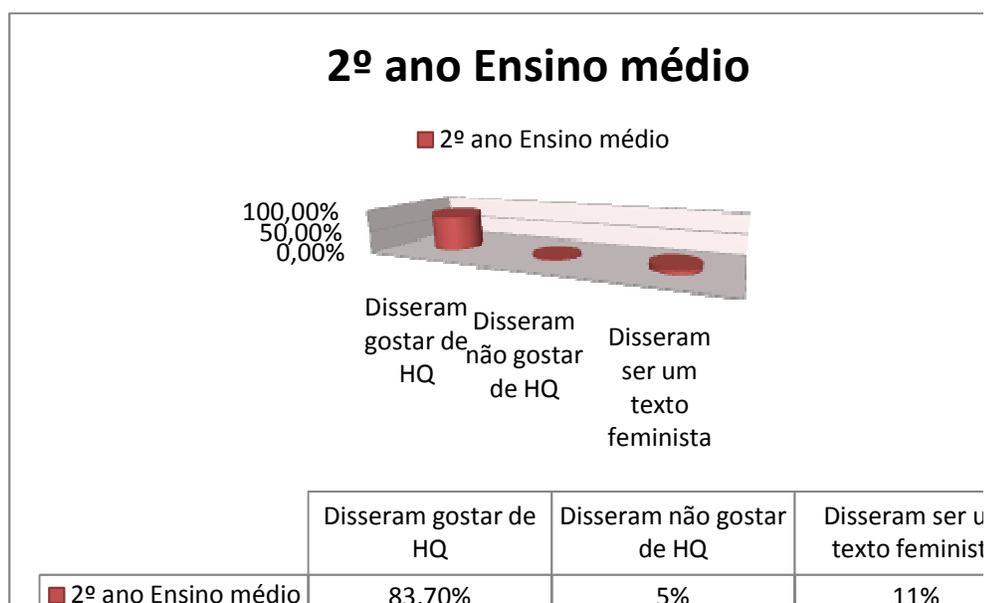
- Quando chegou-se no último quadrinho, com a pergunta: existe algo mais importante do que ser magra...?

Não foi preciso ajudá-los a responder, pois algumas meninas responderam: “a única coisa mais importante do que ser magra, é não ter celulite”, caracterizando que a autora tem razão em abordar este tema.

### 4.3 A Percepção dos Alunos sobre o Gênero Textual HQ em sala

De acordo com os dados coletados, os estudantes acharam que o trabalho com a HQ foi muito interessante e que contribuiu de forma singular para este trabalho.

Na aula, foi possível perceber que os alunos ficaram bastante interessados na HQ, como mostra o gráfico abaixo, que apresenta a percepção dos estudantes:



A maioria dos alunos (83,7%) disseram gostar muito da aula e de trabalhar com HQ, 5% alunos disseram não ter gostado muito ou não ter se identificado com os quadrinhos/desenhos/assunto/autora e 10,8% disseram que a HQ era muito feminista e que talvez, a escolha de outra HQ fosse mais interessante e que alcançaria mais o universo masculino.

A validade da aplicação dessa HQ nas duas turmas citadas foi, certamente, um crescimento para os alunos. Muitos ficaram maravilhados por terem contato com HQ em Espanhol. Alguns alegaram que não sabiam da existência de HQ nesse idioma e que conheciam algumas em língua inglesa e poucos citaram os *mangás*, em japonês, que são compreendidos muitas vezes apenas pelos desenhos.

Em outros, foi possível perceber que havia grande simpatia pelo gênero, mas que praticamente não era externado pelo fato de alguns companheiros de turma e até mesmo professores terem preconceito e considerarem a HQ como algo 'de criança' ou que em nada (ou quase nada) podem acrescentar na vida escolar, gramatical e lexical dos estudantes. Alguns realmente disseram não se interessar por HQ, inicialmente, mas logo depois do início da aula e com a HQ em mãos já estavam interagindo e reagindo muito positivamente à atividade.

## CONCLUSÃO

Com a aplicação da HQ, foi possível perceber que esse gênero textual pode fazer parte da vida escolar dos estudantes. Foi importante mostrar que a HQ é um gênero textual sério e que possui muito conteúdo, mais às vezes do que eles percebem momentaneamente ou imaginam. Encarar a HQ de forma tão séria quanto os outros gêneros é essencial para que as HQ comecem a circular livremente em diversas disciplinas, não só em Língua Espanhola, como em Língua Portuguesa, Geografia, História, Artes, etc.

Pode-se afirmar que muitos preconceitos e barreiras foram quebrados com o trabalho realizado com a HQ em sala de aula. Observou-se que a maioria dos alunos reage positivamente, que a aula fica mais dinâmica e interativa e que os alunos não se cansam tão facilmente – como quando é utilizado de forma maciça o livro didático ou a exposição oral, com anotações no quadro. Durante o tempo de aula utilizado, 98% dos alunos estavam com atenção total na professora, não estavam dispersos e se comunicavam entre si, ajudando, inclusive, os mais tímidos a interagirem e treinarem a língua estrangeira trabalhada. Além disso, todos tiveram liberdade de expor suas opiniões, sem serem reprimidos, o que foi muito produtivo e de grande importância para o crescimento intelectual e argumentativo de cada aluno.

Este trabalho possibilitou uma reflexão sobre as atitudes dos docentes e discentes em sala de aula e, com a aplicação dos referenciais teóricos, vistos ao longo da formação acadêmica, foi possível lançar um olhar reflexivo sobre os determinantes das ações desencadeadoras das reações dos alunos. Desta maneira, foi observada a perspectiva dos alunos perante as HQ e se realmente é possível que elas auxiliem o ensino de Língua Espanhola.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes de. *Linguística aplicada – ensino de línguas e comunicação*. Campinas: Pontes Editores e ArteLíngua, 2007.

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith; GEWANDSZNAJDER, Fernando. *O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BRASIL. Secretaria de Educação. *Linguagens, códigos e suas tecnologias*. Brasília: MEC/SEB, 2006. (Orientações curriculares para o Ensino Médio; v. 1)

BURUNDARENA, Maitena Inés. *Mujeres alteradas 3*. Buenos Aires: Sudamerica, 2003.

CAGNIN, Antônio Luiz. *Os quadrinhos*. São Paulo: Ática, 1975.

CAMPOS, Rogério de. *As histórias em quadrinhos*. São Paulo: Conrad, 1990.

CIRNE, Moacy. *A linguagem dos quadrinhos*. Petrópolis: Vozes, 1971.

\_\_\_\_\_. *A explosão criativa dos quadrinhos*. Petrópolis: Vozes, 1977.

\_\_\_\_\_. *Quadrinhos, sedução e paixão*. Petrópolis: Vozes, 2000.

CRISTÓVÃO, Vera Lúcia Lopes. Modelo didático de gênero como instrumento para formação de professores. In: MEÜRER, José Luiz e MOTTA-ROTH, Désirée. *Gêneros textuais e práticas discursivas: subsídios para o ensino da linguagem*. Bauru: EDUSC, 2002.

DIONISIO, Angela Paiva; BEZERRA, Maria Auxiliadora; MACHADO, Anna Rachel. *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

EISNER, William. *Quadrinhos e arte seqüencial*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

IANONNE, Leila Rentroia; IANONNE Roberto Antonio. *O mundo das histórias em quadrinhos*. São Paulo: Moderna, 1994.

KARWOSKI, Acir Mário; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karim Siebeneiche. *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Introdução à linguística textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

\_\_\_\_\_. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2009.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E.D.A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

LUYTEN, Sônia Bibe. *O que é história em quadrinhos*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

\_\_\_\_\_. (Org.) *Histórias em quadrinhos: leitura e crítica*. São Paulo: Paulinas, 1985.

MACHADO, Cassiano Elek. *Com a bênção de Quino (2003)*. Documento eletrônico disponível em: <<http://telinha.blogspot.com/2003/01/com-bno-de-quino-fenmeno-em-15-pases.html>>. Acesso em: 25 Mar 2010.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

\_\_\_\_\_. *Gêneros textuais: definição e funcionalidade*. In: DIONÍSIO, Angela Paiva; BEZERRA, Maria Auxiliadora; MACHADO, Anna Rachel. *Gêneros Textuais e Ensino*. 4. Ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

McCLOUD, Scott. *Desvendando os quadrinhos*. São Paulo: Makron Books, 2005.

\_\_\_\_\_. *Reinventando os quadrinhos*. São Paulo: Makron Books, 2006.

MENDONÇA, Márcia Rodrigues de Souza. Um gênero quadro a quadro: a história em quadrinhos. In: DIONÍSIO, Angela Paiva; BEZERRA, Maria Auxiliadora e MACHADO, Anna Rachel. *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

MEÜRER, José Luiz; MOTTA-ROTH, Désirée. *Gêneros textuais e práticas discursivas*: subsídios para o ensino da linguagem. Bauru: EDUSC, 2002.

\_\_\_\_\_; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée. *Gêneros*: teorias, métodos, debates. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. (Org.) *Por uma Linguística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

MOYA, Álvaro de. *História da história em quadrinhos*. São Paulo: Brasiliense, 1996.

NASCIMENTO, Elvira Lopes (Org.). *Gêneros textuais*: da didática das línguas aos objetos de ensino. São Carlos: Clara Luz, 2009.

RAMA, Angela; VERGUEIRO, Waldomiro (Orgs.). *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2004.

RAMOS, Paulo. Os quadrinhos em aulas de Língua Portuguesa e L2. In: RAMA, Angela; VERGUEIRO, Waldomiro (Orgs.). *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2004.

REIS, Luciana Prado. *Maitena e suas mulheres alteradas*: a construção do feminino na contemporaneidade. 2006, 95f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Mestrado em Letras, área de concentração linguagem, cultura e discurso. Universidade do Vale do Rio Verde – UNINCOR. Três Corações, 2006.

REVUZ, C. A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio. In: SIGNORINI, I. (Org.). *Lingua(gem) e identidade*: elementos para uma discussão no campo aplicado. Campinas: Fapesp, 1998.

RODRIGUES, Rosângela Hammes. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin. In: MEÜRER, José Luiz; BONINI, Adair e MOTTA-ROTH, Désirée. *Gêneros*: teorias, métodos, debates. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

ROJO, Roxane. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. In: MEÜRER, José Luiz; BONINI, Adair e MOTTA-ROTH, Désirée. *Gêneros*: teorias, métodos, debates. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

ROTTAVA, Lúcia; LIMA, Marília dos Santos. *Linguística aplicada: relacionando teoria e prática no ensino de línguas*. Ijuí: Unijuí, 2004.

VERGUEIRO, Waldomiro. *O leitor de histórias em quadrinhos: diversidades e idiosincrasias*. Disponível em: <[http://www.ofaj.com.br/colunas\\_conteudo.php?cod=141](http://www.ofaj.com.br/colunas_conteudo.php?cod=141)>. Acesso em: 15 Abr 2010.

## APÊNDICE

Para ministrar a aula aos alunos, apresentada no subitem 4.2 deste trabalho, foi utilizada a seguinte sequência didática:

1. A aula foi iniciada com a conceituação, de forma superficial, sobre o que era gênero textual. Logo após essa breve explicação, conceituou-se de forma mais aprofundada o que era HQ e tirinhas: características, componentes, contexto social, lugar de circulação, etc.;
2. Após a explicação do que era HQ, foi esclarecido quem era Maitena Burundarena. Explorou-se sua nacionalidade, onde surgiu, como começou a escrever quadrinhos, onde seus quadrinhos circulavam, o tipo de público que se destinavam suas histórias, o assunto abordado e o sucesso obtido com diversas e heterogêneas faixas etárias;
3. Após a explicação acerca da autora, foi utilizado o quadro e nele foi escrito o título '*ser flaca*' (tema da HQ) e iniciou-se o levantamento de idéias: o que significam essas palavras, o que é ser magra, se isso é importante, etc. Além disso, foi feita referência ao que eles já estudaram no que diz respeito aos '*falsos amigos*' da Língua Espanhola, que é onde está inserido o vocábulo tema da HQ utilizada (*ser flaca* não possui o significado de *ser fraca*, facilmente confundido);
4. Feito isso, entregou-se a HQ selecionada e observou-se por um momento a reação dos alunos;
5. Se houvessem reações inesperadas, isso seria trazido para o contexto da aula, perguntando o porquê daquela reação, mas isso não aconteceu;
6. Provocou-se, nos alunos, observações e inferências pelas imagens contidas na HQ, fazendo com que os alunos pensassem no que estava 'explícito' na HQ, no que estava implícito e se as observações e conclusões que eles haviam chegado os ajudariam a completar os balões;
7. Foram explorados, de forma conjunta com os alunos, todos os quadrinhos contidos na HQ e todos os recursos gráficos e verbais nela apresentados. A exploração foi feita quadro a quadro, de maneira a aguçar a percepção dos alunos diante de todos os elementos utilizados e contidos na HQ;

8. Foram explicadas as palavras que os alunos não conheciam da HQ e foi pedido que eles respondessem no balão em branco o que eles pensavam que era a resposta, segundo as percepções apresentadas pela autora;
9. Comentou-se acerca da pontuação utilizada pela autora – reticências ao final de cada pergunta – e foi perguntado aos alunos as possíveis causas para este fato;
10. Foram feitas perguntas acerca da opinião dos meninos e das meninas diante do padrão de beleza ‘magro’, considerado ‘o melhor’ pela sociedade e explorado constantemente pela mídia e pelos centros de compras. Cada aluno teve oportunidade de falar se concordava (ou não) e se o fato de se enquadrar nesse padrão de beleza significa, necessariamente, ser saudável e estar ‘em forma’;
11. Foi pedido para que os alunos fizessem o décimo quadrinho da HQ, colocando o que para eles era mais importante na vida. O que seria escrito não poderia ter sido citado na HQ de Maitena;
12. Findou-se a aula deixando reflexões como: ‘todos devem se enquadrar no padrão de beleza proposto pela sociedade?’, ‘ser magra é realmente mais importante de tudo quanto foi abordado na tirinha?’, ‘é interessante julgar alguma pessoa pela aparência?’;
13. O exercício foi recolhido, explicou-se sua utilidade e importância e foi prometida a devolução em duas semanas, quando os dados coletados já tivessem sido catalogados.

## PLANO DE AULA

Nome da estagiária: Isabela Monteiro  
Local: Colégio Militar de Brasília – CMB  
Série/Turma: 2º ano do Ensino Médio

Curso de Letras – 6º semestre  
Duração: 45 minutos  
Disciplina: Língua Espanhola

COMPETÊNCIA	HABILIDADES	PROCEDIMENTOS
<p>⇒ Saber reconhecer a utilidade do gênero textual 'histórias em quadrinhos' (HQ) no ensino de LEM (Espanhol)</p>	<p>⇒ Conhecer a autora e o contexto social que a HQ foi escrita;</p> <p>⇒ Conhecer novas palavras na língua espanhola;</p> <p>⇒ Reconhecer as HQ como gênero textual,</p> <p>⇒ Entender semanticamente as HQ e o contexto em que estão inseridas;</p> <p>⇒ Praticar o debate e a reflexão acerca dos assuntos abordados pelas HQ utilizada.</p>	<p>⇒ Apresentando a aula e seus componentes à turma;</p> <p>⇒ Conceituando o que é gênero textual, e HQ por meio de explicação oral;</p> <p>⇒ Demonstrando as diversas interpretações dos assuntos;</p> <p>⇒ Abordando novas palavras da língua, explicando seus significados;</p> <p>⇒ Praticando a interpretação dos alunos por meio do exercício de completar a HQ, sem o conhecimento da resposta original;</p> <p>⇒ Corrigindo o exercício proposto e apontando, na prática, o que podemos apreender da HQ utilizada, promovendo uma breve reflexão.</p>

## ANEXOS

ser flaca.



Os relatos a seguir são das duas turmas do 2º ano do Ensino Médio onde a HQ foi aplicada e estão transcritos de forma *ipsis litteris*.

1. “Foi uma aula muito interessantes, pois a dinâmica da tirinha foi bacana e a professora Isabela também interagiu a turma de forma muito interessante, produtiva. Na aula de Espanhol, por meio de uma tirinha, conseguimos debater um assunto bastante atual, ouvindo a opinião de nossos colegas e também nos expressando, não esquecendo que também contribuiu para nosso vocabulário. Bastante produtiva a aula.”
2. “A atividade ajudou a conhecer as mulheres e o caráter de alguns da turma, além de ser uma tirinha sarcástica, contribuindo com o nosso saber.”
3. “A atividade foi importante porque todos interagiram. Mas, também, porque com ela nos ‘livramos’ de algum sentimento que estava preso e não conseguíamos nos liberar dele. E, com ela, treinamos nosso vocabulário.”
4. “Boa, pois foi uma aula diferente da normal, que tivemos vontade de participar, e também revendo a matéria já estudada.”
5. “É um jeito mais fácil e dinâmico de ler e aprender algo do que ficar lendo reportagens *massantes*, sem desenhos e expressões. E a tirinha sempre traz alguma crítica ou conceitos que nos fazem pensar melhor a respeito de algum assunto.”
6. “Com a atividade que acabamos de desenvolver, podemos revisar o vocabulário, aprender novas palavras, crescer culturalmente, conhecendo novos escritores contemporâneos, interação *grupacional* com toda a sala, e expressão emocional por parte dos alunos.”

7. “Foi muito boa, pois foi bem desenvolvida, prendeu a atenção dos alunos e foi bastante engraçada e foi uma ótima maneira de passar o conteúdo.”
8. “Com a atividade feita em sala nós aprendemos de um jeito bem humorado vocabulário, ficamos mais próximos de nossos colegas de sala, o que tornou um ambiente muito agradável e nada cansativo.”
9. “Não teve importância para mim. Não estou muito interessada pelo assunto de beleza no momento. Então não me identifiquei com o quadrinho. Mas achei legal mostrar quadrinhos em espanhol, para variar a aula”
10. “A atividade foi satisfatória; creio que o tema chamou mais atenção das mulheres do que dos homens pelo assunto feminista. O uso de tirinhas para aprendizagem de uma maneira menos formal foi interessante.”
11. “Foi produtivo pois foi dinâmico, mas não concordo com as neuras da autora.”
12. “Achei a atividade muito interessante, treinou a escrita e conversação e a aula foi muito boa.”
13. “A atividade foi realmente boa, pois além de discutirmos sobre um assunto interessante, melhorando a nossa capacidade de dialogar em Espanhol, saímos um pouco da didática de sempre usarmos somente o livro texto.”

14. "A aula de hoje foi debatida de forma não preconceituosa, de forma que até os homens colocaram suas opiniões e expressaram suas preferências. Foi exposto o trabalho de uma mulher, que ao meu ver, é muito segura apesar de ser um pouco feminista."
15. "Foi muito bom, aprendemos muitas palavras novas, conhecemos uma autora que fala a Língua espanhola. Debates o tema e mantivemo-nos interessados toda a aula."
16. "Foi uma atividade muito interessante, não só por falar sobre as mulheres mas também sobre a realidade de hoje em dia."
17. "Gostei muito da atividade. É bom ter uma sugestão de um livro espanhol e bastante revelador sobre o mundo feminino."
18. "Gostei porque denuncia a realidade na qual muitas mulheres se submetem para conseguir boa aparência e para se sentirem felizes."
19. "É uma atividade muito legal e que aposto que todos os alunos gostaram, pois retrata as 'necessidades' da sociedade contemporânea em relação ao gosto dos homens e as preocupações das mulheres para 'agradar' esses gostos e para ser mais bonita."
20. "A aula foi excelente, assim que a professora explicou a matéria muito bem e detalhada e a turma se identificou com a matéria dada."
21. "Foi uma boa aula pois aprendemos sobre as tiradas, e conhecemos palavras novas, e aprendemos a não julgar os outros só pela aparência, se é magro ou gordo, bonito ou feio."

22. "A atividade foi ótima ensinando o vocabulário e falando sobre as coisas da vida, a dinâmica da aula muito compreensível."
23. "A atividade foi interessante por apresentar material novo com relação à Língua Espanhola."
24. "Achei dinâmica, dessa forma é mais fácil e divertido aprender espanhol ou qualquer outra língua estrangeira. A didática é boa e permite aos alunos participarem da aula com mais tranquilidade."
25. "A atividade foi criativa e interativa, realmente foi interessante, apreciando eu no aspecto que nos entreteu e levou-nos a refletir; uma atividade como esta desenvolvida esporadicamente é excelente, porém não poderia ser freqüente por não desenvolver muito o conteúdo da Língua Espanhola em questão."
26. "Muito divertida e aprender algo com quadrinhos deixa a aula mais produtiva pelo motivo de todos gostarem e se divertirem com os quadrinhos."
27. "Foi uma ótima aula, pois desenvolveu vocabulário, foi divertida, não foi cansativa e foi uma maneira de aprender de forma mais *discontraída* e dinâmica. Tirinhas com mais vocabulário ajudariam que a aula fosse ainda mais eficiente."
28. "Foi legal, gostei. Pelo menos foi diferente."

29. "Foi uma aula bastante objetiva, clara onde aprendemos gramática e vocabulário através de conversas e debates sobre temas atuais e que fazem parte da nossa realidade e do nosso cotidiano."
30. "A atividade desenvolvida auxilia na compreensão da língua espanhola pelo fato de mostrar legendas acompanhadas de imagem, além de ter se mostrado uma atividade dinâmica, pois estimulou os alunos a participarem."
31. "Foi excelente, porque foi uma atividade divertida e descontraída, além disso nós melhoramos nosso vocabulário e nossa audição pois a atividade foi toda em espanhol."
32. "Eu gostei pelo fato de mudar os ares, nunca tinha visto tirinha em espanhol."
33. "Foi bom, se fosse uma tirinha com tema feminino e uma masculina, a aula seria melhor ainda."
34. "Eu gostei da aula, achei diferente e proveitosa. Sem contar que a professora é bem jovem e fala a nossa língua, mas de forma correta."
35. "A aula foi muito boa, mas pra mim que gosto de HQ, ninguém barra a "Turma da Mônica".
36. "Achei interessante, porque na aula de Espanhol nunca tinha presenciado a professora trabalhar com tirinhas. Foi muito legal e acho que, se for usado com inteligência, elas podem nos ajudar a treinar a língua aprendida."

37. "Gostei e acho que funcionaria sempre, em cada fim de bimestre para revisar a matéria antes da prova. Mas aí teria de ser alguma tirinha que englobasse tudo que aprendemos."